

SÓS MAS NÃO ESQUECIDOS. POR UMA ARQUEOLOGIA DA SOLIDÃO

Joel Santos¹, Susana Pacheco²

RESUMO

A solidão é um problema atual com uma dimensão à escala mundial. A Arqueologia, infelizmente, tem-se abstraído do seu estudo, não contribuindo para um maior conhecimento da mesma e respetiva mitigação. Este artigo tem como objetivo demonstrar que é possível fazê-lo. Para isso, após uma primeira reflexão teórica, apresentamos sete situações onde é possível identificar e estudar a solidão. Ainda que conscientes das limitações dos agrupamentos, para simplificar, dividimos os casos em três grandes grupos: situações provocadas por estruturas da sociedade, situações “ignoradas” pela sociedade e estratégias individuais para mitigação da solidão. Pretendemos com este primeiro passo, estimular diferentes abordagens e visões para o futuro estudo da solidão através da arqueologia.

Palavras-Chave: Solidão; Emoções; Abandono; Perda.

ABSTRACT

Loneliness is a current problem with a worldwide dimension. Unfortunately, Archaeology has not contributed much to its study and mitigation. This article aims to demonstrate that it is possible to do so. After a first theoretical approach, we present seven situations where it is possible to identify and study loneliness. Although aware of the limitation of clustering, for simplification, we divided the cases into three large groups: situations caused by structures in society, situations “ignored” by society and individual strategies for mitigating loneliness. With this first step, we intend to stimulate different approaches and perspectives for the future archaeological study of loneliness.

Keywords: Loneliness; Emotions; Abandonment; Lost.

1. INTRODUÇÃO

Existe cada vez um maior consenso sobre a solidão ser um problema à escala mundial (Cacioppo et al. 2009, p. 977; Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 613; Barclay et al. 2023, p.1; Chakravarti 2023, p.133). Embora alguns efeitos ainda estejam a ser apurados, sabemos que é grave. O Reino Unido, reconhecendo a dimensão do problema, criou em 2018 um ministério da solidão, o Japão seguiu o seu exemplo em 2021, e em Portugal já se começa a falar da criação duma Secretaria de Estado (CNN 2022; JPN 2022; DN 2023). O maior desafio deste trabalho é perceber até que ponto a arqueologia, através do estudo da solidão no passado, das suas diferentes formas e experiências, pode ser direcionada para resolução dos atuais pro-

blemas. Infelizmente, a utilização da arqueologia no estudo das emoções continua a ser muito reduzida e, embora existente internacionalmente, em Portugal é praticamente nula. Se olharmos especificamente para a solidão, embora psicólogos e sociólogos já abordem esta temática há algum tempo e os historiadores tenham começado recentemente a questionar-se e a estudar como é que a solidão terá sido sentida e expressa no passado (Snell 2015, p. 61; Barclay et al. 2023, p. 1), os estudos da mesma através de uma visão antropológica e arqueológica são praticamente inexistentes (Snell 2015, p. 64). Este trabalho pretende ser um pequeno passo no colmatar dessa ausência. Contudo, independentemente dessa ausência, é inegável a importância do estudo da mesma através da arqueologia, não só para conhecer como se compor-

1. University of Leicester / joelrosantos@gmail.com

2. CFE-HTC Universidade Nova de Lisboa; Bolseira Fundação para a Ciência e Tecnologia (2022.14550.BD.) / susanalfsdpacheco@hotmail.com

tariam os nossos antepassados relativamente a esta questão, mas porque o conhecimento de determinadas dinâmicas que impediriam a solidão no passado, podem contribuir diretamente para as definições estratégicas do presente no seu combate. “The past is an extensive array of options as well as an explanatory transmission to the present. Much psychological and medical literature concerns strategies for loneliness, which could benefit from historical perspectives [nós acrescentaríamos arqueológicas], for example from periods in which ideas of “community” were administratively more structured than is now usually the case” (Snell 2015, p. 64).

Então porque é que a solidão não é trabalhada pelos arqueólogos? Será porque é um conceito demasiado abstrato? Será demasiado contemporâneo? Ou será a solidão impossível de identificar no registo arqueológico? A nossa perspetiva é que é possível trabalhar a solidão arqueologicamente, algo que pretendemos demonstrar. Contudo, temos a consciência que é um conceito complexo e que necessita ser trabalhado preliminarmente do ponto de vista teórico, antes de se poder aplicar metodologicamente. É precisamente neste espaço que se posiciona o nosso trabalho, entre a teoria e a prática, entre a ciência e as humanidades. A primeira parte do artigo, teórica, pretende enquadrar determinadas questões sobre solidão. O que é a solidão? Como é que esta se manifesta? Será essa manifestação universal ou tem de ser enquadrada do ponto de vista cultural? Que alterações terá sofrido ao longo do tempo e de que modo é que podemos evitar ser anacrónicos no seu estudo (Tarlow 2000, p. 719; Massegli 2012, p.137-8; Fleisher and Norman 2016, p. 4)? Esta reflexão teórica, permitirá, através de alguns casos de estudo, evidenciar de que maneira é que a solidão pode ser identificada e questionada nos contextos arqueológicos, contribuindo sucessivamente com informações importantes para mais um passo na resolução do problema na atualidade.

2. A SOLIDÃO

O que é a solidão? A definição não é simples, principalmente se tentarmos defini-la do ponto de vista histórico. A solidão, tal como outros estados emocionais, pode ter diferentes significados, dependendo do momento e das sociedades e culturas em que foi utilizada (Rokach et al., 2001; Alberti 2019, p. Vii; Snell 2019, p. 61; Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 617). Contudo, independentemente desta

diversidade cultural e dos nomes que lhe são dados, é aceite pela comunidade académica que a solidão não é um estado especificamente ocidental, sendo estudada, com as devidas diferenças, um pouco por todo o mundo, desde a Índia (Chakravarti 2023), ao México e ao Quénia (Pike e Crocker 2020), à ex-União Soviética (Parsons 2020), à Palestina (Nazzal et al. 2020), ao Japão (Ozawa-de Silva 2020) e aos tuaregues do Saara (Rasmussen 2020).

Uma primeira diferença tem a ver com a amplitude linguística do termo. Contrariamente à língua inglesa, onde “solitude” e “loneliness” dão significados opostos ao facto de alguém estar/sentir-se sozinho, respetivamente a glória (solitude) e a dor de estar sozinho (loneliness) (Barclay et al. 2023, p. 2), em português e noutras línguas (ex. finlandês – a palavra é *yksinäisyys* (Sjö 2023, p. 118)), solidão pode ter os dois significados. A glória de querer estar sozinho, observada nos poetas ou nos eremitas, e que contrasta com o significado que atualmente é atribuído à mesma, que tem claramente uma conotação negativa. O trabalho que aqui apresentamos, pelas razões elencadas na introdução, pretende estudar o impacto negativo da solidão (loneliness) e as respetivas evidências arqueológicas.

Como é que poderíamos então definir a “parte negativa” da solidão? Lars Andersson (1998, p. 265), propõe uma definição de Karen Rook, entretanto aceite por outros autores (Snell 2015, p. 62; Alberti 2019, p. 5), “an enduring condition of emotional distress that arises when a person feels estranged from, misunderstood, or rejected by others and/or lacks appropriate social partners for desired activities, particularly activities that provide a sense of social integration and opportunities for emotional intimacy”. Contudo, o próprio Andersson reconhece que há exceções e este é apenas um compromisso para tentar balizar um conceito desbloqueado pelos inúmeros significados, possibilidades e trajetórias históricas (Barclay et al. 2023, p. 3).

Na realidade, solidão como podemos percecionar através da definição, não tem a ver com estar sozinho. Tem mais a ver com um sentimento consciente e cognitivo de separação social de outras pessoas significativas. Uma carência emocional que diz respeito ao lugar do indivíduo, na sociedade e no mundo (Alberti 2019, p. 5). É verdade que alguns estudos sobre a solidão, estudam pessoas isoladas física e socialmente, contudo, nem todos os indivíduos socialmente isolados sentem solidão (eremitas,

poetas, etc.) e nem todos aqueles que sentem realmente a solidão estão socialmente isolados, como por exemplo insatisfação com as circunstâncias de vida, sintomas de saúde física, trabalho crónico e/ou stress social, rede social demasiado pequena e conflitos conjugais ou familiares (Cacioppo et al. 2009, p. 978). A solidão deve ser compreendida como uma realidade afetiva e subjetiva, enquanto o isolamento social é uma realidade física e social. Mesmo que o isolamento físico seja mais provável de provocar a solidão, confundir os dois pode ser problemático (Ozawa-de Silva e Parsons 2020, p. 615).

Mas então, como é que é possível estudar a solidão no passado sem cair em abordagens anacrónicas? Poucos, como escreve Sarah Tarlow, afirmariam que as emoções não têm dimensão corporal ou, inversamente, que as emoções são fenómenos completamente biológicos e sem um significado cultural (Tarlow 2000, p. 717). Porém, embora a solidão seja reconhecida como um fenómeno cultural com as respetivas diferenças, e embora alguns autores discordem da sua universalidade (Alberti 2019, p. 9), há estudos científicos que demonstram que a solidão tem algumas características que permitem que esta possa ser estudada, não só em diferentes culturas e sociedades, mas também ao longo de diferentes cronologias. Falamos da necessidade humana básica de afiliação, de estar com os outros e de reconhecimento mútuo, existindo fortes evidências derivadas de estudos de psicologia do desenvolvimento, comparativa e evolutiva, que percecionam estas estruturas subjacentes à solidão como universais (Cacioppo e Patrick, 2008; Rochat, 2009; De Waal, 2010; Ozawa-de Silva e Parsons 2020; Ozawa-de Silva 2021). Isto permite-nos, enquanto arqueólogos, investigar as evidências que possam ser derivadas da tentativa do ser humano de não estar em solidão ou, pelo contrário, procurar estruturas que pelo seu funcionamento, voluntariamente ou não, fossem provocadoras da solidão.

Para facilitar a investigação, é de fundamental importância que consigamos perceber alguns pontos. Um primeiro ponto relaciona-se com a compreensão do funcionamento da emoção no ser humano. Uma emoção (1) é uma resposta corporal a um estímulo (2) que pode ser externo, interno ou uma combinação dos dois e que gera uma determinada reação (3) por parte de quem a sente (Barrett 2017; Sapolski 2018). Esta reação, gerada pela emoção, pode ser fisiológica, cognitiva e/ou comportamental. Imaginemos a seguinte situação. Uma determinada comunidade

está a ser atacada por um grupo hostil (2 – estímulo), que vai provocar determinadas emoções na comunidade (1 – emoção), como por exemplo medo ou raiva, o que sucessivamente vai gerar uma ou mais reações (3 – reação) por parte da comunidade. Essas reações (3) podem ser imediatas (adaptativa rápida) ou de longo prazo (adaptativa prolongada). A comunidade render-se ou contra-atacar, seria uma reação imediata, enquanto se a comunidade decidisse, após o ataque, ir morar para outra localização ou construir muralhas à volta da cidade, seria uma reação de longo prazo. Contudo, é importante referir, na realidade não sabemos que emoções estiveram por detrás da reação, correndo o risco de ser anacrónicos, caso associemos o que aconteceu com a emoção que nos parece mais lógica, como por exemplo associar as muralhas ao medo (Boddice 2017, p. 12). Enquanto arqueólogos, tirando casos excecionais, como podem ser o caso de fotografias (Pacheco et al. 2023, este volume) ou fontes históricas com relatos específicos dos acontecimentos, as materialidades menos complicadas de interpretar estarão associadas a reações, a que chamámos de longo prazo.

A solidão, tal como as referidas emoções de medo ou raiva, é impactada pela mesma situação. Inclusive, os sociólogos e psicólogos diferenciam entre aquilo a que chamam solidão situacional, ou seja, sentimentos que surgem durante um curto espaço de tempo e a solidão dita patológica, que se tornou uma doença de longo prazo e que acaba por impactar na saúde e no bem-estar de quem a ela está sujeito (Barclay et al. 2023, p. 3). O nosso trabalho pretende investigar as materialidades que nos permitam identificar a solidão patológica no passado, criando eventuais paralelos com as situações que atualmente preocupam a sociedade.

Um outro ponto relaciona-se com a diferença entre aquilo que são as emoções sentidas a nível individual e as emoções sentidas por grupos sociais (Harris e Sørensen 2010, p. 150). Sarah Tarlow (2000; 2012), uma das primeiras arqueólogas a estudar as emoções, afirma que as emoções sociais são de mais fácil acesso ao arqueólogo, visto que “the subjective experience of emotion varies from person to person or even within a person. Responses are not predictable or even consistent. Emotional responses are often difficult to articulate verbally even for those experiencing them. Yet at a social level, members of social groups can agree broadly on how different emotions are valued and what they might mean.

Societies are characterized by emotional values.” (2000, p. 728). Embora tenhamos discordado de Tarlow em situações muito específicas (Pacheco et al. 2023, este volume, p. 8), na generalidade concordamos com a sua afirmação. Neste trabalho, mesmo com exemplos específicos da solidão sentida por um indivíduo, essas situações estarão associadas e enquadradas com o sentimento da emoção a nível social e dos possíveis estímulos que a provocam.

Resumindo, enquanto arqueólogos iremos à procura das reações humanas de longo prazo, que provocavam um sentimento de solidão patológico e que eram sentidas a nível social.

3. COMO ESTUDAR A SOLIDÃO

Se a solidão, enquanto problema global nos escapa no presente e por vezes nem sequer a conseguimos ver nas nossas relações, como vê-la então em relações onde já não temos voz ativa? A metodologia que seguiremos baseia-se em estudos sobre a solidão, no nosso caso “loneliness”, que identificam determinadas situações que contribuem para aumentar ou manter o sentimento da mesma. Partindo de alguns pressupostos, identificaremos quais as estruturas sociais que, com maior probabilidade, contribuiriam para o sentimento negativo de solidão e que outras estruturas sociais (ou individuais) seriam construídas para a combater.

O primeiro pressuposto, já referido, é que a solidão está assente em estruturas humanas “universais” de necessidade de afiliação, de estar com os outros e de reconhecimento mútuo. É óbvio que existirão indivíduos que não sentirão essa necessidade, mas como demonstrado, a maioria das pessoas procura o contacto social, seja este familiar ou comunitário (Cacioppo e Patrick, 2008; Rochat, 2009; De Waal, 2010; Ozawa-de Silva e Parsons 2020; Ozawa-de Silva 2021).

O segundo pressuposto tem a ver com o estar sozinho. Embora, como mencionado anteriormente, essa situação nem sempre esteja associada à solidão e vice-versa, a maior parte dos estudos onde são aplicadas regressões estatísticas, associa o viver sozinho a uma maior probabilidade de solidão, principalmente em casos de viuvez ou outros lutos (Snell 2015, p. 63). Este pressuposto, ajuda a perceber o crescimento da preocupação com este fenómeno, visto que o crescimento de pessoas a viver sozinhas em Portugal tem sido enorme. Em 1991 eram 397 372 (INE 2003, p. 57) e em

2021, 30 anos depois, já superava o milhão de pessoas, 1 027 87 (CENSOS 2022, p. 8), sendo mais de 50% composto por pessoas com 65 ou mais anos de idade. Outros pressupostos, que serão utilizados no nosso estudo, foram demonstrados num estudo liderado por John Cacioppo com um nome bastante sugestivo, “Alone in the Crowd: The Structure and Spread of Loneliness in a Large Social Network” (Cacioppo et al. 2009). Entre outros, elencamos os seguintes: espaços isolados contribuem mais fortemente para a solidão; a solidão é mais provável de acontecer em ambientes não familiares; a solidão afeta menos quem tem um maior número de contactos sociais; a solidão afeta mais as pessoas doentes e/ou pessoas com deficiência; e finalmente que a solidão provoca solidão, ou por outras palavras, a solidão é causa de si mesmo (Huenemann 2023, p. 93; Worsley 2023, p. 28). Quanto mais solitários somos, mais “os outros” se afastam de nós, contribuindo para o aumento da solidão. Quanto mais solitários, mais provocamos nos outros esse sentimento e, caso estes não consigam “fugir”, acabam contagiados com um sentimento similar (Cacioppo et al. 2009).

Se transusermos estes pressupostos para as estruturas que facilitam a existência da solidão, é possível identificá-las, descrevê-las e sucessivamente, questionar a materialidade arqueológica das mesmas e a eventual associação à solidão. A título de exemplo temos os asilos, os hospitais, as prisões, os orfanatos, as pessoas com deficiência, as pessoas que vivem sozinhas (principalmente idosos), as pessoas que vivem longe das famílias/ambientes familiares (emigrantes, refugiados) ou não (grupos minoritários), profissões isoladas (pastores, faroleiros) e outros, muitos outros que o espaço à disposição não nos vai permitir explorar (Cacioppo et al. 2009, Snell 2015; Alberti 2019, Ozawa-de Silva e Parsons 2020, Barclay et al. 2023). A materialidade da solidão pode então ser identificada. Seja através das paisagens e dos objetos associados aos locais onde a solidão teria maior probabilidade de acontecer, seja através da materialidade que as pessoas utilizavam para se defender da solidão, como por exemplo objetos associados à família e aos entes queridos (fotografias, presentes, etc.), os mementos, que se tornam lembranças de uma identidade social perdida ou dolorosamente lamentada (Alberti 2019, p. 85) ou os animais de estimação, que pretendem substituir a ausência de quem não está (Kretzler et al. 2022). É esta materialidade da solidão que pretendemos trabalhar.

4. A SOLIDÃO NOS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

Os sete contextos que aqui apresentamos foram estruturados segundo três eixos distintamente associados com a solidão. Os primeiros dois casos são sobre instituições estatais que provocam estados de solidão naqueles que pretendem ajudar. Falamos dos orfanatos e dos hospitais. Os dois casos seguintes, não são provocados por instituições, mas sim pela falta delas ou pela incapacidade destas intervirem em situações de solidão. Falamos dos sem-abrigos e dos idosos que vivem e morrem sozinhos. Finalmente, temos três exemplos de materialidade derivada da forma como diferentes pessoas tentam combater diferentes formas de solidão. Um casal de apaixonados separados pela distância, uma mulher desprezada pela sociedade e dois pais que acabaram de perder o seu filho.

Um dos exemplos de instituições que, pela sua dinâmica provocam solidão, como referido, são os orfanatos. Nas palavras de Ender Durualp e Pinar Cicekoglul, “the feelings of loneliness and lack of social support that adolescents living in orphanages experience due to being separated from their families may lead them to have negative expectations for the future, and thus place them in a risk group” (2013, p. 231). Se juntarmos a esta distância forçada do agregado familiar, que pode ter as mais variadas e complexas razões, o afastamento do seu ambiente social, estas crianças estariam certamente sujeitas a problemas emocionais e comportamentais, que poderiam prejudicar as suas relações sociais, arruinar a sua auto-confiança, aumentar a solidão, a falta de esperança e outros problemas psicológicos (Durualp e Cicekoglul 2013, p. 234).

Foram estes argumentos que nos levaram a identificar de imediato a nossa primeira materialidade (Fig. 1). Tirada num orfanato feminino em Alcântara, no ano de 1926, o ano em que Portugal assistiu a um golpe militar que instaurou no país uma ditadura que se viria a prolongar durante décadas, esta fotografia do arquivo do jornal *O Século* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), mostra-nos, ainda que disfarçadamente, a solidão. Um grupo de meninas, vestidas todas de igual, não consegue deixar de transparecer as suas emoções, por muito que lhes deva ter sido pedido para sorrirem ao som do disparo da câmara fotográfica. Observamos sorrisos, caras sérias, chateadas, talvez de revolta ou de receio, todo o tipo de emoções à flor da pele destas crianças que, apesar

das tentativas de encenar uma família alargada, não seria suficiente para eliminar a solidão por elas sentida. Permitam-nos destacar uma dessas crianças.

Logo na primeira fila, mais alta que as companheiras ao seu lado, destaca-se uma menina afro-descendente. Se solidão era uma palavra que fazia parte do quotidiano destas crianças, muito mais seria para uma menina de um grupo minoritário, num país colonial que continuava a subalternizar as pessoas que durante séculos explorou e escravizou com vista ao lucro. Apesar do tímido sorriso espelhado na sua cara, a sua linguagem corporal mostra-nos desconforto, ao contrário das restantes meninas da primeira fila, em posições muito mais descontraídas e até brincando entre si. Estes aspetos, juntamente com a natural solidão que sentiria uma orfã, permitem-nos identificar e imaginar as dificuldades emocionais que ela viveria diariamente.

Assistimos assim a um impacto emocional negativo por parte duma instituição que, pelo contrário, tinha intenção de ajudar as crianças que ao orfanato chamariam casa. Não são, contudo, como antecipámos as únicas instituições onde essa dicotomia existiria. Existem problemas que afetam as camadas mais envelhecidas da sociedade, e que estão inegavelmente associados à solidão. Não podíamos deixar de abordar as questões das doenças que podem ser altamente incapacitantes, levando inclusive à necessidade de ficar acamado. Podemos questionar-nos como é que isso se manifesta materialmente e consequentemente nos contextos arqueológicos. É certo que existem inúmeras fotografias que o mostram, mas há também evidências mais tradicionais. Ligadas a estas situações, temos os equipamentos hospitalares, que, em muitos casos, podem também aparecer em contextos domésticos. Um exemplo são as arrastadeiras (Fig. 2). Estes objetos, aparentemente simples, têm um significado muito particular, associados a uma debilidade que impede a locomoção para satisfazer necessidades tão básicas como são as fisiológicas. Num contexto como este, em que uma pessoa é obrigada a viver nestas condições, a estar constantemente dependente de alguém, seja por um período maior ou menor, é impossível não sentir, por muitas visitas que se possa ter, por muito contacto com outras pessoas que possa ocorrer, um sentimento de solidão, motivado pela perda de capacidades, de desespero e de dependência de terceiros. A impossibilidade de se deslocar para onde desejar, de realizar as atividades que estava habituado/a, seja porque motivo for,

despertam automaticamente as emoções negativas nas pessoas, sendo talvez a principal, ou pelo menos uma das principais, a solidão.

Temos assim o exemplo de duas situações onde as instituições que foram criadas com a intenção de ajudar, acabavam por impactar negativamente na solidão das pessoas. Um outro eixo que impacta a solidão, como já referido, está ligado à ausência (da eficácia) de instituições que deveriam proteger determinadas franjas da sociedade, mas que infelizmente não conseguem evitar que estas pessoas sofram elevados níveis de solidão.

No primeiro dos dois exemplos voltamos à década de 1920, através de outra fotografia do arquivo do jornal *O Século* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo – 1921) (Fig. 3). Ao contrário da anterior, em que houve uma preocupação de transmitir a ideia de que estava tudo bem, aqui não precisamos de ler nas entrelinhas para perceber a solidão. Este homem, sem-abrigo, apesar de diariamente se cruzar com dezenas ou mesmo centenas de pessoas, vivia à margem, ignorado, olhado com desprezo e uma certa curiosidade. Esta fotografia facilita o imaginar do estado de solidão e desespero em que viveria. Descalço, caído num passeio da cidade de Lisboa, de cara escondida, por vergonha ou falta de força. Ao pé de si, duas mulheres de saias compridas e xailes e um homem de fato e chapéu, enquanto segura um guarda-chuva, transportam-nos para uma estação fria, talvez o Outono, para o qual o “nosso” sujeito histórico claramente não estava preparado.

Conforme Rachael Kiddey já demonstrou, a arqueologia pode desempenhar um papel fundamental nestas questões sociais. As emoções, frequentemente ignoradas ou desvalorizadas são um aspeto a que os arqueólogos não deveriam ficar indiferentes, e que podem ajudar a compreender uma série de comportamentos cuja opção mais fácil seria fingir que não nos dizem respeito. Segundo a autora: “The reasons why people who have experienced homelessness leave accommodation once they are housed are complex and might include loneliness, the inability to cope with tenant responsibilities, institutionalization, or a sense that ‘the street’ was the more manageable or less lonely option.” (2017, p. 162). Isto é bem revelador da importância das emoções neste grupo mais desfavorecido e fragilizado da sociedade, que muitas vezes acaba por “ceder” a outros vícios, entrando numa espiral da qual se torna muito complicado sair. Enquanto cientistas duma ciência

que se diz pública e social, consideramos ser nossa responsabilidade não ignorar estas manifestações e materialidades (Corrêa, submetido), contribuindo para a procura de soluções para estes problemas sociais tão complexos. Neste sentido, o estudo das suas emoções, nomeadamente a solidão em que estes vivem ou viviam, deveria estar sempre presente. Uma segunda situação não podia ser mais atual. Na população mais idosa, frequentemente sozinha, abandonada pelas famílias que prosseguem as suas vidas noutros locais, que perdem os companheiros de uma vida, ou ainda cujos filhos, por uma série de razões, deixam de os visitar com a frequência que eles desejariam, é usual assistir a determinado tipo de comportamentos. Falamos da acumulação de objetos. Arqueologicamente este tipo de situações são, talvez, as mais fáceis de identificar, embora regularmente ignoradas. No entanto, é possível destacar o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por João Sequeira e Tânia Casimiro, juntamente com um dos autores (Casimiro et al., submetido) relativamente ao abandono de idosos. Foi precisamente numa dessas casas, por eles estudada, que apareceu a próxima manifestação de solidão (Fig. 4).

A solidão pode resultar numa maior dependência de objetos que, por sua vez, conduzem a um aumento dos sintomas de acumulação. Todavia, como esta dependência dos objetos não satisfaz as necessidades de relacionamento, tratando-se de uma situação complexa que tende a afastar cada vez mais as pessoas, a manifestação e aumento destes sintomas acabam por os isolar ainda mais do resto do mundo e nesse sentido contribuir para a perpetuação da solidão (Yap et al. 2023). É precisamente a este cenário que assistimos na casa abandonada que aqui apresentamos. Quando os familiares ou as pessoas próximas de quem ali vivia deixam de aparecer, há que colmatar a sua ausência. Neste caso, o proprietário/a da casa em questão começou a acumular todo o tipo de objetos com que se deparava no seu dia a dia, que para outras pessoas podem ser lixo, mas que para a pessoa que ali viveu eram muito mais do que isso, eram a sua companhia, a sua forma de afastar ou atenuar a solidão, quando esta se tornava insuportável. Este é um problema que cada vez mais afeta a sociedade em que vivemos e, sendo (ou querendo ser) a arqueologia pública, tem de (ou deveria) ir ao encontro daqueles que são os problemas atuais da população e para os quais as atuais instituições não conseguem dar resposta.

Estes dois últimos casos mostram-nos claramente

duas situações, que embora distintas, acabam por ter a mesma dinâmica, em que a solidão provoca solidão, ou seja, os mecanismos que estas pessoas identificam para combater a solidão, substâncias aditivas e/ou acumulação de objetos, acaba por fazer com que as outras pessoas se afastem ainda mais, exacerbando o estado de solidão.

Finalmente, temos o último eixo de casos ligados à solidão. As estratégias individuais de combate à solidão, sem contudo cair em situações extremas como as anteriores.

Recuando mais uma vez até 1920, deparamo-nos com outra materialidade bastante comum e demonstrativa da solidão, três cartas de dois apaixonados encontradas numa casa lisboeta abandonada (Fig. 5). Apesar de não termos certeza sobre o futuro desta relação, o contexto em que elas foram encontradas leva-nos a pensar que estejamos perante uma história com um final feliz, ainda que com um início algo conturbado. À primeira vista, cartas de amor podem não parecer a evidência mais óbvia de solidão, no entanto a sua leitura mostrou-nos o quão enganados estávamos, e as referências a esta emoção, quer seja de forma direta ou não, estão bem presentes ao longo das várias folhas manuscritas a que tivemos acesso. Num tempo em que os transportes e a falta de uma rede viária agravavam as distâncias, em que o perto era longe, a juntar à mentalidade conservadora, principalmente no que às raparigas dizia respeito, conseguimos compreender a solidão que este jovem rapaz sentiria e para a qual as cartas seriam o único escape. Por respeito à privacidade destas pessoas, não partilharemos os seus nomes, nem iremos transcrever nenhuma passagem.

Considerámos, contudo, pertinente a inclusão deste exemplo, pois o modo como a distância era vivida e impactava na solidão, assim como a relação entre estas duas emoções tão fortes (a solidão e o amor), continuam a ser pouco exploradas, sem que lhes sejam dada a respetiva importância (Carson 2023, p. 435). Frequentemente ignoradas pelos arqueólogos, este tipo de materialidades pode, na realidade, transmitir-nos uma série de conhecimentos sobre os nossos sujeitos históricos, e que de outras formas nunca conseguiríamos obter.

Um outro mecanismo utilizado para atenuar a solidão era a aquisição de animais de estimação ou companhia, e que frequentemente são identificados em contextos arqueológicos. Um perfeito exemplo são as ossadas de um cão (Fig. 6) que apareceram

numa escavação arqueológica em âmbito empresarial, levada a cabo pela empresa *Cota 80 86* no nº12 da Rua do Vale em Lisboa nos anos de 2018 e 2019. Este canídeo de pequena estatura, aparentemente enterrado de forma cuidadosa no saguão da casa, parece indicar que se trataria de um animal muito estimado pelas pessoas que ali terão residido (Leão 2021, p. 113). De acordo com o autor, muito provavelmente este contexto estaria associado a uma atividade marginalizada na sociedade lisboeta daquela época, a prostituição (Leão 2021). Substituiria este pequeno animal a falta de afetos e de companhia que sentem as pessoas que estão num estado de solidão? Estudos recentes revelam que os animais de estimação têm precisamente esse efeito e que mais ou menos conscientemente, as pessoas que procuram a sua companhia têm intenção de reduzir os efeitos negativos provocados por essa emoção (Kretzler et al. 2022)

Como mostrámos até aqui, a solidão pode estar presente nas mais diversas classes sociais e em diferentes contextos, podendo identificar-se arqueologicamente das mais distintas maneiras. Foi neste sentido que deixámos para o fim a mais difícil e irreversível das solidões. Numa visita ao cemitério da Ajuda, conseguimos identificar uma dessas manifestações (Fig. 7), a perda de entes queridos. Este é sempre um momento complicado na vida das pessoas e o seu desaparecimento deixa um vazio, que a solidão ocupa. Se isto é aplicável em qualquer faixa etária, quando se trata de crianças, ganha outra dimensão. Vários autores já escreveram sobre este assunto, defendendo que não existe nada mais devastador do que a morte de um filho, que é um desgosto como nenhum outro, que o luto dos pais é diferente de outras perdas, intensificado, exagerado e prolongado (NSIDRC 2005, p. 7).

É precisamente perante um caso desses que nos encontrámos quando observámos aquele jazigo familiar. O luto, que se pode manifestar de muitas formas diferentes, e a necessidade de preencher o vazio deixado pelo desaparecimento daquela criança terão motivado os familiares a deixarem ali peluches, talvez acreditando que o do *Gualter* iria fazer companhia àquela criança, não a deixando ficar só, mesmo no *post-mortem*. Desta forma, a própria solidão dos vivos seria também ela atenuada, ao proporcionar uma companhia àquela criança, naquele que seria o seu “local de descanso eterno”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários são os exemplos, as manifestações, as materialidades da solidão que podem ser encontradas em Portugal. Tentámos abranger várias classes e setores da sociedade, correspondentes a diferentes momentos da história contemporânea portuguesa. Conforme mencionámos, apesar de se questionar se estamos ou não perante uma emoção universal, várias das suas características, nomeadamente a vontade humana de estar em companhia, permitem que esta seja estudada em diferentes cronologias, situações e culturas. Foi precisamente isso que tentámos mostrar aqui, que é possível estudá-la também arqueologicamente, em realidades como a portuguesa, ainda que frequentemente, à semelhança das pessoas que dela sofrem, continue a ser marginalizada.

Escolhemos estes sete casos, mas podiam ter sido outros e podiam ter sido mais. Infelizmente a solidão, “contagiosa” como é, na falta de estratégias bem definidas tende a alastrar, em vez de desaparecer. Pensamos que a arqueologia pode ter uma voz ativa no apontar de situações que permitam ajudar a pensar em caminhos que mitiguem esta problemática. Neste sentido, organizámos os nossos casos em diferentes eixos, porque seguramente a abordagem aos mesmos seguirá diferentes estratégias. A estratégia para a solidão provocada indiretamente pelas instituições que deveriam ajudar a quem a elas recorre, não pode ser a mesma que os casos onde a solidão é perpetuada pela ausência de instituições. Como na história referida por Fred Cooper (2023, p. 162), quando não se admira da solidão e do estado em que encontra os idosos, causado pela morte ou outras separações inevitáveis. Esta solidão até seria suportável, mas ser rejeitado pela família é a pílula amarga, a verdadeira solidão. Nenhum visitante voluntário pode ocupar o lugar da filha negligente que mora por perto mas nunca liga, ou do filho que se deita na cama sem dizer “Boa noite”.

Diferentes solidões, requerem diferentes estratégias. Contudo, não há estratégias simples, nem fórmulas mágicas. A arqueologia, através destes contextos que mostram o peso da solidão no passado, pode claramente ser aproveitada para reduzir esse peso no futuro. Por questões de espaço, de gosto, mas também de facilidade, optámos por falar de materialidades ligadas à história contemporânea portuguesa. Pensamos, contudo, que a abordagem aqui realizada pode ser aplicada a outras geografias

e cronologias, aumentando assim o nosso conhecimento sobre a solidão, sobre o seu impacto e, se conseguirmos, sobre formas de a mitigar.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Fay Bound (2019) – *A Biography of Loneliness – The History of an Emotion*. Oxford university Press.

ANDERSSON, Lars (1998) – Loneliness research and interventions: A review of the literature, *Aging & Mental Health*, 2, pp. 264-274.

BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah (2023) – A History of Loneliness. An Introduction. In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 1-14.

BARRETT, Lisa (2017) – *How emotions are made: the secret life of the brain*. Mariner Books.

BODDICE, Rob (2017) – The History of Emotions: Past, Present, Future. *Revista de Estudios Sociales*, 62, pp. 10-15.

CACIOPPO, John e PATRICK, William (2008) – *Loneliness: Human nature and the need for social connection*. New York: WW Norton & Company.

CACIOPPO, John; FOWLER, James; CHRISTAKIS, Nicholas (2009) – Alone in the Crowd: The Structure and Spread of Loneliness in a Large Social Network. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97 (6), pp. 977-991.

CARSON, Emma (2023) – Loneliness, the Love Letter and the Performance of Romance During Wartime Separation, 1939-1945. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 434-451.

CASIMIRO, Tânia; SEQUEIRA, João; SANTOS, Joel (submetido) – Archaeology of Elderly Abandonment, *Journal Contemporary Archaeology*.

CENSOS 2021 (2022) – *O que nos dizem os censos sobre as estruturas familiares*. Instituto Nacional de Estatística.

CHAKRAVARTI, Ananya (2023). Time, Space and Loneliness in Bengali and Marathi Poetry. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 131-148.

COOPER, Fred (2023) – Loneliness as Crisis in Britain after 1950 – Temporality, Modernity and the Historical Gaze. In BARCLAY, Katie; CHALUS, Elaine; SIMONTON, Deborah (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 162-174.

CORRÊA, Raphael (submetido) – Arqueologia Contemporânea na visibilidade e compreensão das ontologias da Avenida de Ceuta (Lisboa), *Arqueologia e Património*.

DE WAAL, Frans (2010) – *The age of empathy: Nature's lessons for a kinder society*. New York: Broadway Books.

DURUALP, Ender; CICEKOGLU, Pinar (2013) – A study on the loneliness levels of adolescents who live in an orphanage and those who live with their families. *International Journal of Academic Research*, 5(4), pp. 231-236.

- FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil (2016) – Chapter 1 – Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear. In FLEISHER, Jeffrey; NORMAN, Neil eds. – *Archaeologies of Anxiety: The Materiality of Anxiousness, Worry, and Fear*, Nova Iorque, Springer, pp. 1-20.
- HARRIS, Oliver; SØRENSEN, Tim (2010) – Rethinking emotion and material culture. *Archaeological Dialogues*, 17(2), pp. 145-163.
- HUENEMANN, Charlie (2023) – David Hume and the Disease of the Learned – Melancholy, Loneliness and Philosophy. In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 88-101.
- INE (2003) – *Revista de Estudos demográficos*, 33. Instituto Nacional Estatístico
- KIDDEY, Rachael (2017) – *Homeless Heritage Collaborative Social Archaeology as Therapeutic Practice*. Oxford: Oxford University Press.
- KRETZLER, Benedikt, KÖNIG, Hans-Helmut e HAJEK, André (2022) – Pet Ownership, Loneliness and Social Isolation: a Systematic Review. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology* 57, pp. 1935-1957.
- LEÃO, Afonso (2021) – Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboa: a Rua do Vale entre o Final do Século XIX e o Início do Século XX [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa].
- MASSEGLIA, Jane (2012) – Emotion and Archaeological Sources. A methodological introduction. In CHANIOTI, Angelos ed. – *Studies and Methods for the Study of Emotions in the Greek World*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, pp. 131-150.
- National SIDS/Infant Death Resource Center (NSIDRC) (2005) – *The Death of a Child. The Grief of the Parents: A Lifetime Journey*. National SIDS/Infant Death Resource Center.
- NAZZAL, Filasteen; CRUZ, Orlanda; NETO, Félix (2020) – Psychological predictors of loneliness among Palestinian university students in the West Bank. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 688-697.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako; PARSONS, Michelle (2020) – Toward an anthropology of loneliness. *Transcultural Psychiatry*. 57(5), pp. 613-622.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako (2020) – In the eyes of others: Loneliness and relational meaning in life among Japanese college students. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 623-634.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako (2021) – *The anatomy of loneliness*. Berkeley: University of California Press.
- PARSONS, Michelle Anne (2020) – Being unneeded in post-Soviet Russia: Lessons for an anthropology of loneliness. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 635-648.
- PACHECO, Susana; SANTOS, Joel; CASIMIRO, Tânia (2023) – Este volume – Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades.
- PIKE, Ivy; CROCKER, Rebecca (2020) – “My own corner of loneliness”: Social isolation and place among Mexican immigrants in Arizona and Turkana pastoralists of Kenya. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 661-672.
- RASMUSSEN, Susan (2020) – Images of loneliness in Tureg narratives of travel, dispersion, and return. *Transcultural Psychiatry*, 57(5), pp. 649-660.
- ROCHAT, Philippe (2009) – *Others in mind: Social origins of self-consciousness*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- ROKACH, Ami; ORZECK, Tricia; CRIPPS, Janice; LACKOVIC-GRGIN, Katica; PENEZIC, Zvezdan (2001) – The effects of culture on the meaning of loneliness. *Social Indicators Research*, 53(1), pp. 17-31.
- SJÖ, Karoliina (2023). “Here in my Loneliness, I suffer” – Illness, Isolation and Loneliness in the Diaries of Kirsti Teräs-vuori (1899-1988). In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 118-130.
- SAPOLSKI, Robert (2018) – *Behave – The Biology of Humans at our Best and Worst*. Vintage.
- SNELL, Keith (2015) – Agendas for the Historical Study of Loneliness and Lone Living. *The Open Psychology Journal*, 8, (Suppl 2-M2), pp. 61-70.
- TARLOW, Sarah (2000) – Emotion in Archaeology, *Current Anthropology*, 41(5), pp. 713-746.
- TARLOW, Sarah (2012) – The Archaeology of Emotion and Affect. *Annual Review of Anthropology*, 41, pp. 169-185.
- WORSLEY, Amelia (2023) – The Origins of “Loneliness”, The Oxford English Dictionary and Sir Philip Sidney’s te Countess of Pembroke’s Arcadia (1590). In BARCLAY, Katie, CHALUS, Elaine and SIMONTON, Deborah. (eds.) *The Routledge History of Loneliness*, Routledge, pp. 17-34.
- YAP, Keong; TIMPANO, Kiara; ISEMANN, Simone; SVEHLA, Jeanette; GRISHAM, Jessica (2023) – High levels of loneliness in people with hoarding disorder. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*, 37.

WEBGRAFIA

- CNN Portugal (2022) – Há países que já têm um Ministério da Solidão. E Portugal? (<https://cnnportugal.iol.pt/secretaria-de-estado-da-solidao/observatoria-da-solidao/ha-paises-que-ja-tem-um-ministerio-da-solidao-e-portugal/20220213/6208daa0ocf2cc58e7e2970c>) – Consultado a 08/07/2023.
- DN (2023) – Solidão: a “doença invisível” que afeta cada vez mais idosos (<https://www.dn.pt/sociedade/solidao-a-doenca-invisivel-que-afeta-cada-vez-mais-idosos-15707671.html>) – Consultado a 08/07/2023.
- JPN (2022) – Num mundo cada vez mais só, Portugal é apenas um pouco solitário. (<https://www.jpn.up.pt/2022/02/15/num-mundo-cada-vez-mais-so-portugal-e- apenas-um-pouco-solitario/>) – Consultado a 08/07/2023.



Figura 1 – As Crianças de Alcântara na Tapada da Ajuda – 1926 (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo).



Figura 2 – Conjunto de Arrastadeiras (Fotografia de Carlos Boavida).



Figura 3 - Caído com Fome numa das Ruas de Lisboa - 1921 (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.)



Figura 4 - Casa de Acumulador em Lisboa (Fotografia de Tânia Casimiro).

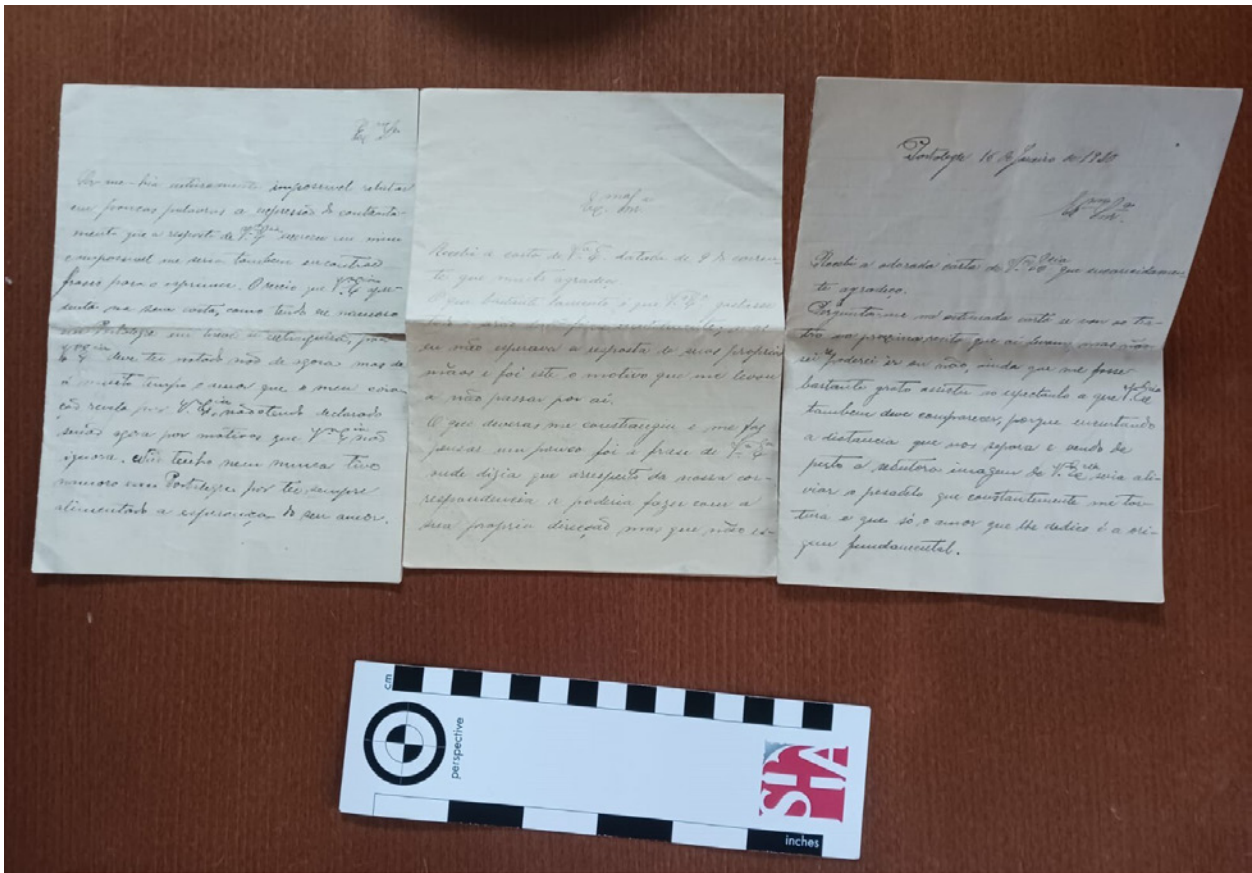


Figura 5 – Cartas de Apaixonados de Casa em Lisboa (Fotografia de Susana Pacheco).



Figura 6 – Ossadas de Canídeo Encontradas no Nº12 da Rua do Vale (Fotografia Gentilmente Cedida por Afonso Leão).



Figura 7 – Jazigo Familiar no Cemitério da Ajuda (Fotografia de Tânia Casimiro).